

O DESTINATÁRIO

Desirée Jung

Carlos encolhe os dedos do pé embaixo da mesa enquanto observa a mãe empacotar as últimas caixas. Quer ajuda-la mas olha paralisado a cena como se a mesma pertencesse a uma outra pessoa. O canário canta, sinal de chuva. O pássaro sempre pia quando o tempo muda, pressentindo a redução da temperatura, perfeito para uma sessão de filme de suspense, no escuro. Mas não naquela noite. Está ansioso. Ontem, tentando se distrair, assiste a uma mini série sobre vampiros e mal consegue dormir. Hoje, caminha como uma alma penada.

“Você não pode estar falando sério,” ela diz, depois que ele a segue até o seu quarto, rindo e se penteando. A camisola de cetim cor de rosa deixa os fartos seios em evidência. Carlos tenta evitar o decote, mas a sensualidade é exalante. A sua estupefação é capturada através do espelho.

“É sério, mãe. Acho que estou com síndrome do pânico,” ele afirma, apoiando-se contra o móvel e logo recuando.

A penteadeira é herança da avó, que falecera um ano antes. Translúcida, de pele alva, a mãe tem uma expressão de placidez, que ele gostaria de traduzir em palavras. Sem elas, sente-se desarmado. As mulheres tem a capacidade de lhe tirarem do chão com a sua presença corporal.

“Eu não entendo essa sua vontade de se mudar tão repentinamente,” ele continua, sem obter muito crédito. Sua chantagem emocional não convence, deixando-o ainda mais vulnerável.

“Carlos, se acalme. Não vou para muito longe. E você precisa aprender a ficar sozinho,” ela afirma, passando um pouco de perfume na nuca.

Desde a partida da esposa, o conforto de morar com a mãe lhe garante uma segurança protetora, que despista o seu medo de encarar as próprias questões. Sem a presença de Lucila, transfere toda a sua confiança para a outra mulher da sua vida e obtém uma paz temporária, mantendo o funcionamento da casa.

“Eu já conversei com a empregada sobre os seus horários, você não precisa fazer nada, apenas dar dinheiro para ela fazer o supermercado,” ela afirma. “Não se preocupe,” diz, fechando a porta do quarto. “Boa noite.”

Sozinho no corredor, Carlos respira fundo. Não é mais um menino, mas continua a se comportar de forma infantil. Dentro do quarto, o seu semblante na porta do closet lhe surpreende. Um homem de quarenta anos cheio de músculos e pouca coragem que mantém o olhar congelado. Desde que a esposa sai de casa há quase um mês, não consegue preencher o lado vazio do armário. Nega o caso amoroso até o fim, argumentando com Lucila sobre a importância do casamento. Mas a falta de vida sexual entre os dois faz com que a sua amante tenha um impacto ainda maior. Se ele era infiel, como podia explicar a falta de desejo no casamento?

A Kombi da casa de repouso vem buscar a mãe no dia seguinte. Na saída, Carlos tem vontade de abraça-la, dizendo que vai sentir a sua falta, mas se contém. Talvez ela, também, lhe despreze, achando que a sua capacidade para o amor é duvidosa. Parado na porta de casa com a xícara de café nas mãos, lembra-se da infidelidade do pai, e de como a mãe jamais toca no assunto, a amante fixa que ele sempre visitava no domingo, quando a família se encontrava para as reuniões.

Ninguém comenta o tema, mas todos sabem. Hoje, a leveza do seu comportamento, a sua alegria de viver e fazer planos, demonstram o alívio que ela deve sentir após a sua morte. Será que como o pai, ele também é um peso na vida da esposa? Ela entra no elevador na companhia de um enfermeiro, muito maquiada e com uma roupa bastante jovial, como se estivesse saindo para um baile de gala. Sorri, acenando adeus.

“Quando eu estiver adaptada, e pronta para receber notícias, eu te aviso,” diz, aparentando muito entusiasmo antes da porta do elevador se fechar.

“Não se preocupe que eu vou cuidar de você,” Selma diz. A empregada volta para a cozinha sem notar a sua cabeça baixa, trocando o alpiste do canário.

“Eu sei,” ele resmunga, desamarrando o robe e se preparando para o trabalho.

No início, tem o ímpeto de sentir pena da mãe, tão nova, e já morando numa casa de repouso. Mas é só conversar com a irmã que se atualiza dos fatos. Aprende que o local é moderno e um pouco como um clube, caríssimo. Durante o processo de seleção, a irmã se informa a respeito das atividades do estabelecimento. Não avisa o irmão porque sabe que ele também está às voltas com uma crise pessoal, e não quer incomodá-lo. Quando Carlos fica sabendo, já está tudo resolvido. A mãe, feliz, gosta da socialização. No fim do mês irão visitá-la, após o período de adaptação.

Mas a espera demora. Apenas alguns dias depois da saída dela do apartamento e Carlos começa a sentir falta de uma companhia, do toque feminino na mesa de jantar, mesmo da escolha do cardápio. Selma faz perguntas sobre o que ele quer comer mas ele não responde. O que deseja deixa de ser uma questão fácil de decifrar.

As noites passam, e sozinho, ele aprende um pouco mais sobre a sua necessidade de querer agradar o outro de qualquer maneira, sempre tentando adivinhar o seu querer. Apesar disto, tanto a mãe como a esposa discordam da sua generosidade, gostando de salientar o seu egoísmo e incapacidade de perceber o outro. Mas na sua opinião, o inverso era verdadeiro.

Quando conversa com a empregada, é porque precisa de uma pista para entender quem são essas mulheres, a ausência se tornando uma presença. Se pudesse, correria atrás de Lucila e lhe pediria perdão, alegando que o caso não tivera importância, eles precisavam reatar. Mas no fundo tinha medo de expandir o problema e descobrir o real motivo da separação. Não queria ouvir mais críticas ou lamentações sobre a sua falta de empenho no relacionamento.

Será ele o único culpado? O possível entre duas pessoas depende de uma construção mútua, e ao longo dos sete anos que estiveram juntos, está é a primeira vez que aprende algo a respeito do amor: é preciso perder para compreender o que falta.

“Você acha a qualidade das frutas no supermercado ruim, Selma?”
Indaga, quando nota os machucados na casca da maçã.

“Depende do dia,” responde. “Nas segundas-feiras, como é sobra do fim de semana, as bananas estão sempre despencadas e os pêssegos, quando é época, machucados. Mas terça-feira chega carregamento novo, então é ótimo.”

Ela lhe olha rápido pois descasca batatas, a pele caindo na pia, em montes.

“Mas por que o interesse? Você nem gosta de fruta,” afirma, interrompendo a tarefa e colocando o misto-quente saído do micro-ondas na sua frente.

“É porque minha mãe e Lucíola adoravam reclamar das frutas no supermercado. Agora que elas não estão aqui, eu fico me lembrando do que elas diziam e sinto uma falta enorme,” ele comenta.

A empregada coloca as batatas num grande panela de água fervendo.

“Ao mesmo tempo, entendo a necessidade de descobrir por mim mesmo o que é importante. E confesso que nunca reparei nos defeitos das frutas.”

“Hoje em dia não há qualquer controle de qualidade no mercado e se vende de quase tudo, até amor,” Selma diz, “veja só que baixaria.”

Ele se dá conta de que ela está falando das imagens das mulheres impressas nas páginas do jornal, os anúncios na sessão de classificados expondo a nudez dos corpos. Está sozinho na mesa de café. Selma cuida dele desde que é adolescente, e deve fantasiar as suas transgressões e infidelidades. Mas nunca lhe criticou diretamente. Nas páginas, propaganda de prostitutas oferecendo serviços sexuais e massagem. Mas ele jamais havia saído com esse tipo de mulher.

O seu caso amoroso havia sido fruto de um encontro esporádico no aeroporto, após um trabalho de vistoria numa das empresas do governo. Hospedados no mesmo hotel, acabam dormindo juntos, mas sem troca de informações pessoais ou explicações sobre a aliança no dedo. A princípio, ninguém fica sabendo de nada, até porque eles mal conversam. A surpresa, todavia, vem depois.

Como nunca desarruma a mala quando chega em casa, tarefa da esposa, ele naturalmente se surpreende quando ela encontra o bilhete com palavras de amor e um endereço entre suas camisas.

Lucila não lhe pede explicações, deixa o pedaço de papel sobre a cama e simplesmente sai de casa. Sua surpresa é tamanha que, apesar de querer negar tudo, ela não lhe dá espaço e ele aceita a impossibilidade das circunstâncias. Se o destino quer destruir o seu casamento é porque algo precisa ser reajustado. E amor não se vende, como os jornais parecem querer insinuar. Mas a frase da empregada ecoa na sua mente. Muita gente está a procura. Talvez ele precisasse se valorizar.

Desde que tentam ter filhos, e não conseguem, o relacionamento perde a importância inicial, Lucila desistindo dele, deixando de lhe procurar na cama e alegando cansaço, falta de atenção por trabalhar muito na loja de departamentos. Carlos também se acomoda porque o sexo, naquelas circunstâncias, passa a ser uma obrigação, e a traição, simbolicamente, lhe liberta do dever de ser pai, a sua masculinidade condicionada à sua potência.

Diante de tantos pensamentos, sai para o trabalho e retorna sem sequer notar a passagem das horas. Abre a janela e um calor súbito toma conta de si, apesar do inverno. A sinfonia de carros, que passa sobre o viaduto, uma constante corrente, uma antiga cantiga de ninar, lhe captura. Quer saber onde está Lucila, e a mãe, o que fazem naquele momento? Senta-se na mesa da sala de jantar, e começa a escrever uma carta para a ex-esposa, falando do seu amor, da falta que ela faz. Não sabe se acredita verdadeiramente no que escreve, mas compreende que a intenção por detrás das palavras é urgente.

Quando a conhece, ainda muito novo, passa a noite escrevendo cartas para ela, apaixonado. Naquela época, ainda pensava em ser militar, e vivia muitos meses recluso no quartel. Mas com a morte súbita do pai, ele precisa

deixar o batalhão e procurar por um emprego mais remunerável para ajudar a mãe.

Finalmente passa num concurso para um cargo público e torna-se fiscal da Receita Federal, responsável pelas auditorias em órgãos públicos. Logo depois casa-se com Lucila. À medida que escreve, perde a noção de quem é o destinatário, importando apenas salientar a importância do outro na sua vida, sem necessariamente esperar receber uma resposta. E naquele ato, se dá conta de que a vontade de ser amado, muitas vezes, apaga a capacidade do ser humano de ter amor próprio.

Pouco a pouco, acostuma-se a escrever cartas sem destinatários, e faz daquele hábito uma rotina. A mão gosta daquela sensação da caneta sobre o papel, toda semana uma carta, um encontro marcado com uma possibilidade perdida, um amor não correspondido. Ele acredita que o esvaziamento de palavras lhe ensina um pouco mais sobre a sua dependência afetiva pelas mulheres. Finalmente se sente livre, mesmo que por poucas horas. Há sempre uma demanda entre duas pessoas. Começa a se sentir melhor quando a mãe lhe telefona.

Fazem algumas semanas que não se veem e combina de ir com a irmã até a casa de repouso no fim de semana. O caminho até lá é preenchido por músicas new age e um engarrafamento na saída da cidade. Quando chegam no sítio, um campo aberto e cercado por grandes árvores, é como se estivessem no paraíso. Logo na entrada, percebe vários grupos de pessoas, grande parte da mesma idade da mãe, sentados em vários ambientes. Ele a encontra tomando chá ao lado de um senhor com calça presa por um suspensório, corpo alinhado e cabelo penteado por uma mousse.

A princípio, Carlos acredita que o homem possa ser um médico da casa de repouso, devido a sua proximidade com a mãe. Só depois nota as

mãos dadas e a afetividade entre os dois. Nunca a havia visto ao lado de outro homem que não fosse o pai, ou ele mesmo.

Sem saber que atitude tomar, desconfiado da situação, se pergunta o que um homem nesta idade quer com uma mulher como a sua mãe.

“Esse é o Rubens,” a mãe diz, quebrando o silêncio e abrindo espaço no banco para os filhos se acomodarem.

“Muito prazer,” Rubens diz, estendendo a mão pausadamente.

A irmã, que está em pé ao seu lado, parece maravilhada com a situação, e logo puxa a mãe pelo braço, querendo ficar a sós com ela num passeio pelo jardim. Sozinho com o estranho, Carlos procura uma posição para o seu corpo no banco, mas falha várias vezes, perdendo a naturalidade, intimamente confuso.

“A sua mãe me disse que você é contador,” Rubens afirma.

“Na verdade, trabalho num escritório,” ele corrige.

“Eu era advogado, antes de me aposentar,” o homem explica.

Depois de alguns momentos de silêncio, Rubens fala sobre a sua própria família, explicando como gosta de receber visitas, principalmente depois de que os pais morreram e todos se afastaram, os irmãos principalmente.

“Você se dá bem com a sua irmã?” Ele pergunta.

Nunca haviam lhe perguntado isso antes. Responde que sim, pois não brigam, apesar de raramente se encontrarem.

“O medo dificulta o encontro entre as pessoas,” Rubens argumenta.

“E como aconteceu entre você e a minha mãe?” Ele retruca, sem pensar.

“A princípio ela teve medo. Mas aos poucos confiou,” o homem continua.

“Vocês acabaram de se conhecer,” ele exclama.

“Sim, mas temos pouco tempo,” diz.

Carlos ouve o homem falar da animação na casa de repouso, das atividades interativas. Depois de um tempo de conversa, o excesso de gentileza lhe causa um tipo de enjoo, ou talvez ciúme. Mesmo os passarinhos, perto do pomar no jardim, parecem em festa. Tem vontade de dizer ao namorado da mãe que só acredita em amor quando escreve as suas cartas. Mas não diz nada. Estranhamente, julga que a mãe é descrente das paixões como ele, mas é evidente que se engana.

As pessoas tem desejos próprios, impossíveis de se prever. E é naquele instante, sem a mãe e as amantes imaginárias, que a sua solidão dói mais. A irmã retorna do passeio e está cada vez mais expansiva, cumprimentando Rubens de forma oposta de como fazia com o pai, com muitos abraços e beijos. A delicadeza de Rubens está no seu cuidado de responder as perguntas das duas mulheres, em júbilo. Apesar das suas ressalvas, o ambiente fica agradável. Diferente do pai, o namorado não gosta de trabalhar. Não bebe nem fuma, é viúvo e sem filhos.

Pouco a pouco, Carlos percebe a alegria da mãe nos detalhes, quando ela olha para o céu e acena para os visitantes que entram e saem do jardim. Está cintilante. Rubens é mais cauteloso e atencioso que o pai e ele juntos, e nenhum tipo de egoísmo parece afetar a sua relação com o próximo. Enquanto estão sentados na varanda da casa de repouso, Carlos percebe que borboletas azuis e vermelhas circulam a área onde estão, pousando nas

margaridas que a irmã havia trazido para a mãe. Naquele instante, tem a esperança de se tornar outra pessoa, mais receptiva e capaz de conhecer alguém e voltar a amar, dividir momentos com um outro.

Sensibilizado, com as defesas enfraquecidas, se depara com lágrimas nos olhos. Cada borboleta vai para um lado, e a separação lhe causa tristeza.

“Meu filho, você está bem?” A mãe pergunta, quando Rubens e a irmã saem em busca de mais água quente para o chá.

No peito, uma vontade de chorar. A vulnerabilidade talvez seja efeito de um excesso de flores ou da paisagem bucólica do local. A mãe nota, despista, e segura a sua mão. É sutil o respeito que sente por ela, assim, naquele momento. Tão singelamente, a vida e a sua contingência traz pessoas para perto de si.

Mas a afetividade é um exercício árduo para ele. Suas mãos sentem uma certa urgência, como se capturadas no tempo do outro. Ele enxuga os olhos e apenas sorri, sem ter o que dizer. Na volta para a casa, ele e a irmã ficam em silêncio no carro. Em determinados momentos ela suspira, e diz estar feliz com a nova fase na vida da mãe, o seu novo amor.

Carlos procura por palavras, mas acaba com os vazios que continuamente lhe perseguem dentro de automóveis e da vida em movimento, numa cidade passando ao seu lado, uma vastidão e amplitude sem fim. Quando ela o deixa na portaria do apartamento, ele tem vontade de convidá-la para subir. Mas ao invés disto, fica parado segurando a porta do carro, como se não conseguisse abrir.

“O que foi, Carlos?” Ela pergunta.

“Você sempre sabe o que fazer, Ana?” Ele declara, subitamente.

“Você quer que eu suba?” Ela sugere, como se cautelosa diante do que diz.

“É sábado. Você não tem que tomar conta das crianças?” Ele lembra.

“Eu falei que ia passar o dia com a mamãe. Mas como ainda é cedo, não preciso voltar. Podemos ir no shopping fazer um lanche e assistir a um filme. Lembra-se de como fazíamos isso quando éramos criança? Carlos?” Ela repete, enquanto ele continua olhando para frente, concentrado.

É verdade, ele já fora mais amoroso.

“Vamos sim,” ele responde, um pouco em estado de choque. A verdadeira face da sua personalidade, a fantasia de ter uma mãe como espelho, que só amava a uma imagem de si próprio, nunca ficara tão evidente. Estava nu, exposto.

Depois de enfrentarem outro caos no trânsito, encontram o shopping lotado. Compram o ticket para o cinema, e param na praça de alimentação. A irmã compra uma salada, e ele, um sorvete de creme. Nunca tinha prestado atenção na forma como as pessoas comem, olhando para o celular. Durante o filme, chora várias vezes, como se estivesse a procura de si mesmo, daquela imagem, daquele amor ideal. Em algum momento, segura a mão da irmã. É uma alegria espontânea, um relaxamento, um sensação de proximidade.

“Você ficou calado no cinema. Eu falei o tempo todo. Você gostou do filme?” Ela pergunta, quando estão no estacionamento.

“Eu me lembrei agora de quando éramos pequenos e eu segurava a sua mão para te proteger dos carros. Tinha medo de você sair correndo e ser atropelada, se lembra?” Ele diz, com um sorriso aliviado.

“Você sempre se preocupou comigo, Carlos,” ela afirma, com certeza na voz.

“Eu não sabia,” ele afirma um pouco perdido.

Enquanto estão parados no trânsito, lembra-se das cartas espalhadas sobre a mesa e o tempo gasto inventando histórias, possibilidades impossíveis. Ali, escreve sobre a sua vontade de ser pai, o desapontamento da esposa, a sua infidelidade, e também seu desejo de se manter fiel, de satisfazer o desejo de uma mulher.

Quando estaciona o carro, a irmã pede para subir, pois está com vontade de ir no banheiro, tomara muito refrigerante durante a sessão de cinema. Enquanto ela está no apartamento, ele junta as cartas num só bolo, guardando tudo numa caixa. Sem dizer nada, a irmã entra na cozinha, percebe a bagunça do fim de semana, folga de Selma, e começa a lavar a louça, a organizar tudo. Passam algum tempo assim, cada um com o seu próprio silêncio, sem trocar palavras.

“O que você está fazendo?” Ela pergunta, se dando conta da hora.

“Estou jogando fora algumas coisas,” ele explica.

“Eu já vou,” ela diz, timidamente.

Com as cartas nas mãos, ele fica parado na sua frente, como se com medo de lhe abraçar e sufocá-la. Ela se aproxima e acaricia os seus cabelos, ajeitando-os atrás da orelha.

“Semana que vêm, se você quiser companhia, podemos repetir o programa,” ela afirma, andando em direção a porta. “Eu trago as crianças.”

“Está marcado,” ele assegura, esperando a porta do elevador fechar.

Quando entra no closet, e vê o lado da esposa vazio, sente que parte de si se desfaz, e nunca mais voltará. Do lado de fora, anoitece.

Coloca a caixa no canto vazio, e deixa a porta aberta, ocupando um pequeno espaço. A brisa lhe traz paz e a certeza de que finalmente não precisa dizer mais nada.

Desirée Jung é escritora e tradutora literária, nascida no Brasil, cidadã canadense, com especialização em cinema na Vancouver Film School. Sua carreira acadêmica também inclui um Mestrado em Fine Arts em Creative Writing, além de Doutorado em Literatura Comparada obtidos na Universidade de British Columbia, em Vancouver, no Canadá. Seus poemas, contos e traduções foram publicadas em diversas revistas literárias na Europa e América do Norte. Mora há dezesseis anos em Vancouver, Canada. Para mais informações, seu website é www.desireejung.com